

---

## PAISAGEM, LUGAR E TERRITÓRIO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CAMPO: A GEOGRAFIA SOB O OLHAR DOS PROFESSORES DO CAMPO

Landscape, place and territory and teaching geography in the field: geography under the look of the field teachers

Paisaje, lugar y territorio y enseñanza de geografía en el campo: geografía bajo los ojos de los maestros de campo

Christiano Corrêa Teixeira\*

Antonio Carlos Castrogiovanni\*\*

Doutorando em Geografia na UFRGS- christiano.teixeira@ufrgs.br\*  
Professor do Departamento de Geografia da UFRGS -castroge@ig.com.br\*\*

Recebido em 05/10/2019. Aceito para publicação em 20/10/2019.  
Versão online publicada em 10/11/2019 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

---

### Resumo:

A pesquisa é resultado de parte de nossa dissertação de mestrado defendida no ano de 2016 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na presente discutimos qual a compreensão que professores do campo possuem dos conceitos geográficos lugar, território e paisagem, e como esses são trabalhados em sala de aula. Sendo esta uma Pesquisa Qualitativa, utilizamos entrevistas semipadronizadas realizadas durante o programa Escola da Terra no ano de 2015. Possuímos como método de leitura dos resultados o Paradigma da Complexidade.

**Palavras-chave:** Ensino de geografia. Educação do Campo. Professores.

### Abstract:

The research is the result of part of our master's dissertation defended in 2016 at the Federal University of Rio Grande do Sul. In the present we discuss what is the understanding that teachers of the rural area have about the geographical concepts place, territory and landscape, and how they are worked in the classroom. As this is a Qualitative Research, we used semi-standardized interviews conducted during the Escola da Terra program in 2015. We have as a method of reading the results the Complexity Paradigm..

**Key-words:** Geography teaching. Rural Education. Teachers..

### Resumen:

La investigación es el resultado de parte de nuestra disertación de maestría defendida en 2016 en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. En el presente, discutimos cuál es la comprensión que los maestros del campo tienen sobre los conceptos geográficos de lugar, territorio y paisaje, y cómo se trabajan en el aula. Como se trata de una investigación cualitativa, utilizamos entrevistas semi-estandarizadas realizadas durante el programa Escola da Terra en 2015. Tenemos como método de lectura de resultados el paradigma de la complejidad..

**Palabras-clave:** Enseñanza de geografía. Educación del campo. Maestros.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho origina-se de duas vertentes: a primeira foi nossa atuação como professor-formador no programa Escola da Terra (O programa Escola da Terra previa a formação continuada de professores(as) de classes multisseriadas que atuam nas áreas rurais do estado do Rio Grande do Sul. O presente programa articula-se com outros em esfera nacional ) promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) juntamente com o Ministério da Educação (MEC) no ano de 2015; e de nossas reflexões durante a elaboração da dissertação de mestrado defendida no ano de 2016 na UFRGS.

Neste, discutiremos qual é a compreensão que os professores que atuam em áreas rurais possuem da Geografia na Educação do Campo. Com isso, procuramos identificar qual o domínio que estes professores possuem dos conceitos geográficos lugar, paisagem e território.

Para guiar nossa caminhada, pensamos que a melhor forma de leitura do fenômeno seja o Paradigma da Complexidade de Edgar Morin (2000, 2003,2005). Pois a complexidade é um tecido de constituintes. Os fenômenos estão interligados, sendo compreendidos e ressignificados no caos e na incerteza. Dos princípios elencados por Morin para que pensemos o mundo de maneira complexa, pensamos que três destes princípios são condizentes com nossa análise: Princípio Dialógico, Princípio da Recursão Organizacional e Princípio Hologramático.

Pensamos que o conceito de lugar dialoga com o princípio da recursão organizacional. O lugar é autoproduzido pelo sujeito, na sua relação subjetiva com o espaço. Ao apropriar-se do espaço e internaliza-lo, o sujeito ressignifica-o, desenvolve afeição, ou não. Tendo estabelecido essa relação, o que outrora era apenas espaço, torna-se lugar. O olhar do sujeito muda. Sua relação de bem querer àquela porção da crosta são produzidas por ele na relação com o lugar, e aí que pensamos que há uma recursão de sentidos. Se a relação sujeito-lugar é positiva, o espaço traz sentimentos agradáveis ao sujeito, afeição, assim como define Tuan (1974) como Topofilia, no entanto se a relação sujeito-espaço é negativa, poderemos ter uma Topofobia. Temos então, o estabelecimento de mútuas relações entre sujeito e espaço. Ambos são construtores da noção de lugar. Segundo Santos (2006) que, sabiamente, considera que cada lugar é ao seu modo o mundo, remete-nos ao princípio hologramático, pois se o lugar é o mundo, o lugar também é o todo. É o *meumundo* privado, mas que compõe o todo, o *nosso mundo*. Assim, podemos considerar que o lugar é dialógico, pois é um constructo particular circundado de *outros lugares*, todos compondo o tecido do espaço geográfico

O conceito de paisagem parece ser dialógico. Ao considerar que a paisagem se constitui de elementos concretos e subjetivos, estabelece que a mesma possua em seu bojo duas lógicas distintas. O concreto, materialização das ações humanas na superfície da Terra, é externo ao sujeito, pois não é somente ele que os constrói, é a sociedade. Sociedade deste e de outros tempos. Contudo é subjetivo, porque as relações e referências que aquela paisagem tem para o sujeito são particulares, podendo ou não, serem compartilhadas com os grupos a qual pertença.

A paisagem também é autoproduzida. A acumulação dos tempos e as mudanças de formas e funções transformam a paisagem. Em um movimento contínuo de construção

e reconstrução, de caos e incerteza, a paisagem vai assumindo outros significados, ganhando novos sentidos e perdendo outros, e é nesta plasticidade temporal que a paisagem possui que novas relações vão sendo estabelecidas.

Quando Haesbaert (2004,2008) contribui que todo território é concomitantemente simbólico e funcional podemos fazer a leitura de que o território é dialógico, pois em diferentes medidas estes dois elementos se fundem, mesmo sendo distintos se complementam. Os territórios-rede são multiescalares, transitam do local ao global e o inverso também. Os eventos e fenômenos ocorridos em locais distantes repercutem nas pequenas comunidades, como a variação do preço das *commodities* ou a Revolução Verde. Nenhum ponto da superfície da Terra está isolado. As atividades humanas hoje tem o alcance global, haja vista a emissão de CO<sup>2</sup> na atmosfera. Então, temos os territórios sofrendo influências contínuas dos mais distantes pontos do planeta, e a partir disso, focos de resistência vão sendo estabelecidos, como a experiência alemã das universidades de agricultura orgânica em oposição ao *lobby* das multinacionais do agronegócio nos cursos de Agronomia.

Pensamos que os conceitos de paisagem, lugar e território dialogam com o Paradigma da Complexidade, haja vista que os conceitos exprimem a relação natureza x sociedade na interdependência e causalidade que se verifica na teia de relações que os diferentes pontos da Terra estabelecem entre si.

## 2. METODOLOGIA

Para a efetivação da presente pesquisa nos orientamos pela Pesquisa Qualitativa. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas com dez professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de seis municípios diferentes do RS que participaram do programa Escola da Terra no ano de 2015. Dentre as diversas técnicas de entrevistas semiestruturadas (FLICK, 2007), elegemos a entrevista semipadronizada. Nossa entrevista é composta de nove perguntas. A primeira pergunta está relacionada ao tempo de atuação no magistério; as perguntas de número 2, 3, 4 e 5, referem-se aos conceitos geográficos de paisagem, lugar e território; e as perguntas 6, 7, 8 e 9, buscam identificar como é abordada a Geografia na Educação do Campo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No pensamento complexo não podemos separar o campo da cidade, eles são constituintes do tecido que é o mundo. Ainda que com diferentes modos de vida, eles se unem em determinados pontos e noutros se afastam, mantendo a coexistência de lógicas antagônicas e complementares. Campo e cidade são diferentes e semelhantes ao mesmo tempo. E os professores que atuam em escolas do campo deveriam ter em mente essa dialogicidade. Muitos destes vivem nessa dialógica, em alguns casos são sujeitos oriundos do ambiente urbano e ali vivem, mas trabalham no meio rural. Conflituosa relação não?

Pensamos em, inicialmente, traçar um breve perfil deste professor que atua em escolas do campo. Como primeiro questionamento, procuramos saber o tempo que cada professor leciona, tanto em escolas do campo como em escolas na cidade. A maioria dos

professores possui uma longa caminhada na docência, sendo que cinco professores possuem mais de vinte anos de profissão, dois possuem mais de dez anos e três possuem menos de dez anos. Com relação à atuação no campo e na cidade, seis professores trabalharam exclusivamente no campo e quatro já lecionaram na cidade. Diante do exposto, temos um grupo de professores com uma longa caminhada profissional e que possuem uma considerável experiência em educação nas áreas rurais.

A pergunta de número 2 questiona o que é Geografia para esses professores. Identificamos que as respostas convergem para dois grupos. O primeiro grupo concebe a Geografia como uma ciência que aborda elementos físicos e humanos e as relações estabelecidas entre os seres humanos e a Terra, como exemplos de respostas temos: *“É uma ciência que estuda a superfície terrestre e suas características: fenômenos climáticos e ação do ser humano no meio ambiente.”*; *“Tenho concebido como sendo a ciência que estuda a Terra, sua superfície, o movimento humano nesta superfície, os fenômenos naturais.”* O segundo grupo, caminha na direção de privilegiar os aspectos naturais e físicos, como exemplo de respostas temos: *“É o estudo da terra, e suas características.”*; *“Geografia é o estudo e valorização dos diversos lugares do nosso mundo.”*; *“Estudo, ou seja, a ciência que estuda os fenômenos da natureza e as superfícies terrestres.”*

Diante das respostas, evidencia-se que alguns professores ainda concebem a Geografia como uma disciplina enciclopédica, que tem como preocupação descrever os elementos. Esta concepção está muito próxima do que se define como Geografia Tradicional, a qual está fundada na descrição, principalmente de elementos naturais.

Assim, temos um grupo que possui uma compreensão da Geografia muito próxima do que concebemos e outro grupo que possui uma visão empírica de paisagem. Isto nos remeteu a uma questão: estariam estes professores, já distantes de sua formação inicial, reproduzindo o que se compreendia enquanto Geografia no momento de sua formação? Ou ainda, uma formação continuada que abrangesse a Geografia poderia amenizar tal distorção? Estes são alguns questionamentos que despontaram durante nossa reflexão e que podem desencadear novas pesquisas.

No questionamento referente ao lugar, observamos que quatro professores possuem o que julgamos uma boa compreensão do que é conceito de lugar. Estes em suas respostas fazem referência à relação sujeito-espaço, a apropriação e o sentido de pertencimento que envolve este conceito. Temos como exemplos respostas como: *“É uma porção do espaço qualquer, percebida e definida pelo ser humano através dos seus sentidos.”*; *“Diz respeito a sua compreensão como espaço de vivência onde estão inseridos suas necessidades existenciais, suas interações com os objetos e pessoas, suas histórias de vida.”* Já o restante dos entrevistados remete o conceito de lugar a um ponto específico do espaço, uma espécie de referência à localização, como demonstram os exemplo a seguir: *“Lugar é qualquer espaço físico, seja ele pequeno ou a nível de mundo.”*; *“É uma localização definida por determinados elementos”*. Sendo assim, ainda que uma boa fração destes professores possui certa clareza conceitual quanto a lugar, a maioria remete a questões físicas, o que evidencia uma deficiência conceitual neste conceito tão caro à Geografia.

Referente ao conceito de território, pensamos que os entrevistados tem a compreensão parcial do conceito. A grande maioria (nove entrevistados) apontou o território como sendo um espaço demarcado, delimitado. A noção de poder sobre o espaço é o que direciona as respostas. Contudo, questões mais complexas como

multiterritorialidade e territórios-rede não são mencionados, indicando que, talvez, uma atualização conceitual seja necessária.

A pergunta relacionada à paisagem solicitou aos entrevistados que marcassem algumas definições de paisagens propostas por nós, e explicassem o porquê da opção. As definições propostas caminham no sentido de orientar para uma concepção teórica de paisagem embasada no pensamento de alguns autores, como mostra o quadro a seguir (quadro1)

<b>Quadro 1 - Para você, quais das questões a seguir são mais significativas em relação à Paisagem? Por quê?</b>
1- A paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. (SANTOS, 2006)
2- A paisagem não é feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo [...] base de seu ser social. (DARDEL, 2011)
3- A paisagem é uma representação cultural das ações humanas.(BERQUE, 1998)
4- A paisagem é a representação das belezas de um lugar.

Fonte: Os autores

Assim, com esta pergunta procuramos identificar se há alguma inclinação teórica por parte dos professores para o conceito de paisagem. Cabe ressaltar que eles poderiam marcar mais de uma opção, se assim desejassem. Então, dentre os dez entrevistados obtivemos as seguintes respostas: a opção número 2 foi marcada três vezes, a opção 1 foi marcada quatro vezes, a opção 3 foi apontada por cinco dos entrevistados e a opção 4 foi a mais assinalada sendo apontada por seis professores.

Sendo assim, a opção que pensamos fazer referência ao que comumente se define como paisagem (as belezas naturais e a estética), foi aquela que mais recebeu marcações. Diante disso, uma constatação é iminente: os professores entrevistados não possuem a clareza do que é paisagem para a Geografia. Esta é única opção que não possui embasamento teórico e foi proposta por nós para verificar justamente o que está sendo evidenciado: a falta de clareza teórica. As justificativas são variadas, mas traremos dois exemplos para ilustrar: “A paisagem é a representação da natureza de um determinado lugar.”; “[...] Paisagem é melhor, deveria ser natural, criada por Deus. Entretanto, a mão humana já passou por quase todos os espaços terrestres e siderais...”. Assim, a maioria dos professores entrevistados não possui clareza do que é o conceito de paisagem para a Geografia. Qualquer uma das outras três questões seriam válidas, pois estão embasadas em diferentes correntes do pensamento geográfico.

Com o que apresentamos até o momento, identificamos provisoriamente que o domínio destes professores que atuam em escolas do campo sobre os conceitos geográficos necessita ser revisto. Em suma, pensamos que existem lacunas teóricas sobre os conceitos apresentados. O que se verifica são diferentes posturas e visões que, muitas vezes, caminham na direção do que podemos chamar de senso comum, ou seja, o saber construído por uma maioria que não é especialista no que está sendo tratado. Pensamos que deva ser dada atenção a essa questão, pois em algum ponto a formação inicial pode estar deixando a desejar no que diz respeito à Geografia. Acreditamos que a formação continuada pode ser um instrumento eficiente para corrigirmos tais distorções.

Como indicamos anteriormente, o segundo grupo de perguntas pretende identificar como a Geografia está sendo trabalhada no contexto da Educação do Campo. Para tanto, questionamos aos professores se existe diferença entre trabalhar no campo e na cidade.

Com relação a possível diferença entre atuar na cidade e no campo, somente um entrevistado respondeu que não havia diferença. Sua justificativa está baseada na ideia de que todos devem ser tratados da mesma forma. Ora, um ensino diferenciado não é segregação é inclusão. Os contextos e vivências são diferenciados, a assunção de si como ser participante de um grupo ou de uma identidade cultural é fundamental na formação de um sujeito, pois conhecendo a SUA realidade, poderá transformá-la com autonomia e criticidade.

É neste sentido que se direcionam as falas dos outros entrevistados. A principal diferença apontada consiste em diferentes contextos nos quais as comunidades estão inseridas. Nas falas dos professores surgem apontamentos no sentido da valorização, por parte dos pais e alunos, da atividade docente. É perceptível em muitos casos que há uma relação mais estreita entre alunos x professores x comunidade, como sugere o relato de uma professora do município de Sapiranga-RS, que dos seus 31 anos de docência está a 2 anos em escolas do campo: *“Como professora, somos mais valorizadas e respeitadas no meio rural, onde as famílias são mais participativas do contexto escolar e os jovens ainda respeitam os pais e querem, realmente, estudar”*. Outro apontamento frequente são as práticas sociais, o modo de vida, o *habitus* dos sujeitos que vivem no campo. A tarefa de auxiliar a família nas atividades rurais permeia o cotidiano dos alunos. Segundo os entrevistados, este fato reflete positivamente na sala de aula, pois os alunos teriam maior comprometimento com as atividades.

No entanto, merece destaque o espaço. As relações espaciais e a paisagem são constantemente referidas como grandes diferenciais. As relações espaciais construídas pelos sujeitos são diferentes. As noções de distância, o que é perto ou longe se altera, dada a distribuição espacial dos objetos. No que se refere à paisagem, as cores, os sons, os cheiros, as formas, tudo é diferente entre um aluno que vive no campo e na cidade. Ainda, surgem como apontamentos as brincadeiras e a forma de aquisição de alimentos. As brincadeiras no campo são mais ao ar livre, como pescaria, subir em árvore, etc. Os alimentos ainda são produzidos localmente ou em uma horta própria, a merenda é fornecida por vizinhos, o que estreita os laços comunitários.

Sendo assim, compreendemos que a escola do campo é diferente daquela localizada no meio urbano, pois os sujeitos que dela participam possuem relações e modo de vida distintos. De forma nenhuma pretendemos ser deterministas, mas o espaço nos qual aquela comunidade escolar está inserida determina algumas práticas ali reproduzidas.

Na pergunta de número 7, questionamos os professores sobre a utilização da geografia local nas aulas e quais os elementos eram utilizados. A totalidade dos entrevistados afirmou que a geografia local permeia as práticas pedagógicas. A observação da paisagem local foi recorrente nas respostas, indicando que este conceito é muito utilizado nas aulas de Geografia no campo. Com isso, evidencia-se a importância do conceito de paisagem na Educação do Campo. No entanto, deve-se pontuar “como” esta categoria de análise está sendo trabalhada, haja vista que para os entrevistados não há clareza teórica acerca do conceito. Ainda, o mapeamento e o relevo local são apontados como elementos utilizados nas aulas. A cultura local e a história da comunidade também são elementos utilizados nas aulas, este fato vai ao encontro do que propõe a Educação do Campo: partir do seu lugar para ler o mundo e valorizar os saberes e a cultura local.

Trabalhos de campo e observação. Esses dois instrumentos foram os mais apontados quando questionamos como abordar o estudo da paisagem no campo e na cidade. Pensamos que os trabalhos de campo são importantes, pois tem a capacidade de mostrar aos alunos que o currículo está, também, fora da sala de aula. Os trabalhos de campo, que muitos entrevistados denominam de trilhas, aliam-se à observação da paisagem para o desenvolvimento das atividades. A observação da paisagem em si não consiste em um instrumento pedagógico, mas um nível de análise. Ao passo que a leitura da paisagem pode ser considerada um instrumento, pois essa deve seguir um método de análise como propõe Verdum (2012). Cabe ressaltar que as imagens foram mencionadas como relevantes para o estudo da paisagem. É interessante observar que um entrevistado referiu que a conversa com “*peças mais velhas*”, ou seja, com os moradores mais antigos e “*imagens antigas e atuais...*” seria uma forma de abordar o estudo de paisagem. Pensamos neste momento, que a oralidade é sim, um instrumento interessante para se trabalhar paisagem. Na medida em que evoca a subjetividade da paisagem, a construção individual da relação sujeito-espaço e associada a imagens do passado e do presente, podem proporcionar ao aluno a comparação entre o que ele percebe e o que o outro percebe, desenvolvendo nele a noção de que a paisagem está além do visível, é também construção subjetiva.

A pergunta de número 9 propõe aos entrevistados o seguinte: “Como você abordaria a cadeia produtiva do leite e seus derivados, por exemplo, em uma sala de aula no campo e outra na cidade? Dê alguns exemplos”. Nosso objetivo com esse questionamento é compreender se estes professores desenvolveriam caminhos metodológicos diferenciados para o ensino no campo e na cidade. A maioria dos entrevistados optou pela linearidade da produção, ou seja, partindo da produção do leite para os seus derivados industrializados. As respostas que se diferenciaram, argumentam que para os alunos da cidade seria necessário um aprofundamento maior, na suposição de que eles não estão habituados com a produção leiteira. Um dos entrevistados pontuou que utilizaria caminhos inversos para esse trabalho hipotético. No campo, devido à presença dos animais no cotidiano, partiria da produção do leite até finalizar com seus derivados na indústria; já na cidade, o trabalho começaria pelos derivados industrializados, percorrendo o caminho inverso até a produção leiteira. Pensamos que esta abordagem é a que mais sentido teria para os alunos, tanto no campo como na cidade, visto que muitas crianças de grandes centros urbanos nunca viram um gado leiteiro ou o processo de ordenha.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao que foi trabalhado até o momento, pensamos que a carência conceitual em relação a lugar, paisagem e território pode comprometer o desenvolvimento de atividades relacionadas aos conceitos junto à Educação do Campo. Excetuando-se algumas respostas pontuais, os professores entrevistados apresentam algumas distorções conceituais, o que fica evidente quando tratamos do conceito de paisagem. Não obstante, em sua maioria são profissionais abnegados, que frente à carência de recursos fazem aquilo que está ao seu alcance. Contudo, não pensamos que estes devam tornar-se “pseudo-geógrafos”, e também não é o que pretendemos. Mas cabe pontuar que estes professores são aqueles que iniciarão os estudos em Geografia com os alunos desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, portanto, devem possuir um bom domínio teórico, a exemplo de Língua Portuguesa e Matemática.

Por isso, nos questionamos se uma formação continuada ou um aprimoramento em Geografia para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental seria benéfico no desenvolvimento da alfabetização espacial dos alunos? Ainda, podemos pensar se muitas das deficiências que a maioria dos alunos apresenta em Geografia advêm dessa etapa do ensino? Julgamos que tais questionamentos são pertinentes, pois nossa experiência docente indica que em algum ponto da etapa de ensino anterior há uma lacuna.

#### REFERÊNCIAS

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. 312 p. Trad. Sandra Netz.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 400 p.

\_\_\_\_\_. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, Álvaro et al (Org.). **A emergência da multiterritorialidade: A resignificação da relação do humano com o espaço**. Canoas, Porto Alegre: Ed. Ulbra, Editora da Ufrgs, 2008. p. 19-36.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI: Tecnologias do imaginário e cibercultura**. 3. ed. Porto Alegre: Edipurs/sulina, 2003. p. 13-38. Trad. Juremir Machado da Silva.

\_\_\_\_\_, Edgar. **Os Sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília: Cortez, 2000. 118 p. Tradução :Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya

\_\_\_\_\_, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005. 120 p. Tradução: Eliane Lisboa.

\_\_\_\_\_, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b. 128 p. Tradução: Eloá Jacobina.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Unirsidade de São Paulo, 2006. 258 p.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1974. 288 p. Tradução: Livia de Oliveira.

VERDUM, Roberto. Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, Roberto et al (Org.). **Paisagem**: leituras, significados e transformações. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2012. p. 15-22.